

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

**CONTRADIÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE CAPITALISMO,
LIBERALISMO, DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO**

Cezar Ricardo de Freitas- UEM/UTFPR
czr_04@hotmail.com

Eixo 8: Educação e Política

Resumo

Este trabalho é resultado de um estudo que buscou analisar a relação entre o desenvolvimento do capitalismo e a democracia e forma como a educação se insere neste processo. Há um senso comum na defesa de que a sociedade capitalista, de mercado, é por essência uma sociedade democrática. O estudo revelou que não há uma relação direta entre capitalismo e democracia, mas sim que a possibilidade de atuação democrática está condicionada, em primeiro lugar, a pressão dos trabalhadores, em segundo lugar, a força que o mercado tem no direcionamento das ações do Estado. A educação, aparece em meados do século XIX, como uma condição de sociedades democráticas. Porém, no início do século XX é atribuído à educação o papel de construtora de uma sociedade democrática. As análises também ajudam a compreender que o momento atual, que pode ser compreendido como de uma “recessão da democracia”, na verdade vem se construindo desde as transformações econômicas da década de 1970. A metodologia da pesquisa é essencialmente bibliográfica, buscando em autores como Norberto Bobbio e John Dewey, subsídios para entender a problemática, ao mesmo tempo em que analisamos algumas transformações econômicas e históricas do capitalismo.

Palavras-chave: liberalismo, democracia, educação

Esse trabalho surgiu como uma tentativa de reflexão sobre a relação contraditória existente entre capitalismo, democracia e educação. Diante disso, nossa intenção inicial foi buscar entender o processo de desenvolvimento da democracia no capitalismo e como que a educação participou desse processo. Como toda tarefa de pesquisa, a dimensão do trabalho somente foi conhecida no seu desenvolvimento. Primeiramente pelo volume de publicações sobre o tema, e em segundo lugar, pelas mudanças que apresentou o discurso sobre democracia e desenvolvimento do capitalismo, principalmente no século XX.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Ficou claro a impossibilidade de dar conta de todos os elementos dessa discussão, a medida que ampliávamos as leituras. Ao não conseguir apresentar um estudo aprofundado da evolução do discurso da democracia no século XX, também não gostaríamos de afirmar que o que apresentamos aqui seja apenas um panorama da discussão. Nosso estudo serve para nos mostrar a democracia em seu aspecto dialético, como serviu como mecanismo de controle e ao mesmo tempo de emancipação. Nesse percurso, a educação exerceu um papel importante.

Nesse sentido, o presente trabalho não está organizado em seções, mas a sequência da discussão está da seguinte forma: Buscamos inicialmente conceituar a democracia dentro do pensamento liberal; a seguir tentamos captar as principais fases de desenvolvimento do capitalismo e as alterações no pensamento liberal, especificamente sobre a democracia. O final do século XIX e início do século XX mostrou-se ser o período mais fecundo sobre os embates envolvendo a democracia, surgindo inclusive, a educação como elemento de mediação. “Terminamos” a discussão, com as transformações ocorridas a partir de 1970 e as redefinições em torno da democracia.

A discussão sobre democracia é mais do que urgente. Vivemos um momento em que por todo mundo acontece mudanças que questionam a democracia. Talvez a eleição de Donald Trump nos EUA em 2016 foi um marco importante de um processo que já vinha acontecendo, desde o início da década. Na Europa, desde a crise dos refugiados de 2015, candidatos da extrema direita têm ganhado força nas eleições. Há um artigo escrito ainda em 2011 de um ex-membro do Governo Obama, apontando que a crescente polarização da sociedade americana estava dificultando as decisões do governo. Afirma o autor que “[...] para resolver os sérios problemas que nosso país enfrenta, precisamos minimizar os danos causados pela inércia legislativa confiando mais em políticas automáticas e comissões despolitizadas para determinadas decisões políticas.” (ORZAG, 2011, n.p).

Ziblatt e Levitsky (2018) chamam a atenção para o fato que a maioria dos colapsos democráticos que acontecem atualmente no mundo, não são produto de tomadas violentas do poder, mas são produzidas por governos

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

democraticamente eleitos. A ausência de um momento claro de ruptura torna esse movimento ainda mais perigoso: “Não há tanques nas ruas. Constituições e outras instituições nominalmente democráticas restam vigentes. As pessoas ainda votam. Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência.” (LEVITISKY; ZIBLATT, 2018, p. 17). Enquanto pesquisadores, precisamos ficar atentos a este processo e este trabalho é uma busca para instrumentalizar a nossa compreensão para o enfrentamento.

A democracia comumente aparece como um conceito da Ciência Política. Isso faz com que focamos no regime de governo pautado na participação, como define Norberto Bobbio:

Afirmo preliminarmente que o único modo de se chegar a um acordo quando se fala de democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático, é o de considerá-la caracterizada por **um conjunto de regras** (primárias ou fundamentais) **que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos**. [...] No que diz respeito aos sujeitos chamados a tomar (ou a colaborar para a tomada de) decisões coletivas, **um regime democrático caracteriza-se por atribuir este poder** (que estando autorizado pela lei fundamental torna-se um direito) **a um número muito elevado de membros do grupo** (BOBBIO, 1986, p. 18. Sem negrito no original).

O desenvolvimento da democracia moderna está vinculado ao desenvolvimento do capitalismo. Filósofos com Thomas Hobbes (1588-1651), John Locke (1632-1704), Voltaire ou François Marie Arouet (1694-1778), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), entre outros pensadores, ofereceram contribuições importantes, à medida que transformações sociais e econômicas colocavam fim ao Antigo Regime. O conjunto das elaborações desses autores podemos chamar de Liberalismo.

É importante destacar que “[...] que nem todos os teóricos do liberalismo são democratas, como é o caso de Voltaire, que faz restrições a participação popular no governo” (CUNHA, 1979). Bobbio (1986, p. 20) afirma que o estado liberal e estado democrático são interdependentes, e que o estado liberal ao garantir as liberdades individuais, se torna o pressuposto histórico e jurídico do estado democrático. Entretanto, Vieira (1992, p. 66) vai fazer uma crítica ao que chama de “visão linear”, de que as democracias foram primeiro liberais e depois democráticas. O autor vai chamar a atenção para o

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

fato de que o pensamento liberal ofereceu resistência à ideia e à prática democrática durante décadas, para depois “monopolizá-la”:

Moraes (2001) afirma que, no século XIX, os liberais eram contra o sufrágio universal e outras manifestações políticas das massas populares. De acordo com o autor “[...] desde seu nascimento o liberalismo distanciou-se de lemas como ‘cada cabeça, um voto’ e o conflito entre liberalismo e democracia tornou-se cada vez mais agudo” (MORAES, 2001, p. 10).

As revoluções burguesas, como a Revolução Francesa (1789), marcam uma conquista importante do liberalismo e da burguesia, pois destruíram os empecilhos ao desenvolvimento das forças produtivas, como as tarifas aduaneiras, a isenção de impostos aos nobres, etc. e “[...] ao exigir para si igualdade de direitos proclamou a liberdade e a igualdade dos servos e dos homens em geral, inclusive do proletariado [...]” (MACHADO, 1984, p. 87).

Importante considerar que o desenvolvimento econômico do capitalismo passou por três estágios, de acordo com José Paulo Netto (2006): A acumulação primitiva (séc. XVI ao XVIII); O capitalismo concorrencial (até meados de 1870); e o Imperialismo (com diferentes fases, permanece até os dias atuais). Da mesma, forma, o liberalismo também passou por etapas e reformulações: Liberalismo Clássico (séc. XVIII ao XIX); Liberalismo de Transição (entre o capitalismo concorrencial e o Imperialismo); Liberalismo Multifacetado (Do surgimento do Estado de bem-estar social até os dias de hoje) (WARDE, 1984, p. 26).

A primeira fase do Capitalismo começa com a acumulação primitiva e vai até a manufatura: “Trata-se do estágio inicial do capitalismo, no qual o papel do grupo social dos comerciantes/mercadores foi decisivo- estágio por isso mesmo designado como capitalismo comercial.” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 170). Nesta fase, os princípios do Liberalismo foram instrumento de luta da burguesia contra o Antigo Regime: “Opunha, à ordem ‘iníqua’ que combatia, fundada na desigualdade ‘herdada’, a ordem capitalista que, respeitando as desigualdades ‘naturais’, se consubstanciava numa sociedade hierarquizada, porém justa e para tanto ‘aberta’” (XAVIER, 1990, p. 61).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

A segunda fase, o Capitalismo Concorrencial, vigorou até meados de 1870. Esta fase é marcada pela grande indústria, urbanização e construção do mercado mundial. É o momento de consolidação da luta de classes pelos meios políticos, representada pela passagem do *ludismo* ao *cartismo*, com uma reação incipientemente organizada da classe operária. Nesta segunda fase, o Estado não oferecia garantias aos trabalhadores, focava nas condições externas de acumulação do capital – manutenção da propriedade privada e repressão (NETTO; BRAZ, 2006, p. 173-174).

A segunda fase do capitalismo traz um liberalismo com um instrumento de ação mais conservador da burguesia, ao mesmo tempo em que avançam conquistas político-sociais importante dos trabalhadores. O final do séc. XVIII e início do séc. XIX é marcado pela conquista do Estado pela burguesia.

[...] posteriormente a revolução francesa de 1789, tendo a burguesia assumido o controle do Estado e principalmente após o golpe de Estado de Napoleão III, a ideologia das classes dominantes assumiu formas novas, atendendo novas demandas. De um lado, combater o poder ainda forte da Igreja Católica defensora do feudalismo; de outro, combater os levantes populares que ameaçavam o poder conquistado (CUNHA, 1980, p. 87).

É a partir da segunda metade do século XIX, que começam a ocorrer mudanças importantes na forma de conduzir o Estado, agora hegemonicamente controlado pela burguesia. A ação dos trabalhadores “forçou a lenta *democratização* da sociedade burguesa [...] a democracia política, quando triunfou, não foi produto da teoria liberal ou de seus representantes políticos, mas uma *conquista* do movimento operário” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 174. *Itálico no original*). Progressivamente, o Estado foi abandonando a repressão como único instrumento de mediação do conflito capital e trabalho.

Dessa forma, a democracia que orientava-se a princípio ao funcionamento do Estado – reestruturando a participação política no governo – passa a disseminar alguns de seus princípios nos mais amplos espaços sociais. Um dos marcos dessa “difusão” seria o modelo de “democracia desenvolvimentista”, pautado na ideia de que a pauperização progressiva tornava a classe trabalhadora perigosa. Seria necessário criar junto com

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

mecanismos de participação, a melhoria das condições de vida que “suavizasse” a periculosidade da classe trabalhadora, inclui-se aí, o sistema educacional e os serviços sociais. (WARDE, 1984, p. 60-63).

John Stuart Mill seria o precursor dessa concepção de democracia. (MACPHERSON, 1978). Mill vincula a sua concepção de democracia a uma visão moral de aperfeiçoamento da humanidade. Esse aperfeiçoamento ocorreria através do autodesenvolvimento pessoal dos membros da sociedade, um avanço “[...] em intelecto, em virtude, em atividade prática e eficiência” (MILL *apud* MACPHERSON, 1978, p. 52). Esse ideal de homem e de sociedade dominou o conceito estadunidense de democracia até meados do século XX, e está presente inclusive no pensamento de John Dewey (MACPHERSON, 1978, p. 53), como veremos a frente neste trabalho.

Esse modelo de democracia, portanto, vai consolidar-se na terceira fase do Capitalismo, o Imperialismo, a partir do final do século XIX (NETTO; BRAZ, 2006), e no estágio do “Liberalismo multifacetado” (WARDE, 1984). É neste período que podemos perceber a extensão dos ideais de democracia para as mais diferentes instituições sociais. Para os objetivos deste texto, cumpre inserir em nossa análise, dois espaços fundamentais: **a escola e a fábrica**.

Começamos pela fábrica, espaço aparentemente difícil de operacionalizar a democracia, pois é o local onde se defrontam os objetivos antagônicos de capital e trabalho. Um marco teórico importante de expressão da democracia neste espaço é a teoria da administração conhecida como Teoria de Relações Humanas. Chiavenato (2003) elenca quatro fatores que contribuíram para o surgimento da Teoria de Relações Humanas para a administração de empresas e nos ajuda em nossa reflexão:

1. A necessidade de humanizar e **democratizar a Administração**, libertando-a dos conceitos rígidos e mecanicistas da Teoria Clássica e adequando-a aos novos padrões de vida do povo americano. [...]2. O desenvolvimento das ciências humanas, principalmente a psicologia, bem como sua crescente influência intelectual e suas primeiras aplicações à organização industrial. [...]3. As ideias da **filosofia pragmática de John Dewey** e da Psicologia Dinâmica de Kurt Lewin foram fundamentais para o humanismo na

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Administração. [...] 4. As conclusões da Experiência de Hawthorne, realizada entre 1927 e 1932, sob a coordenação de Elton Mayo, que puseram em xeque os postulados da Teoria Clássica da Administração (CHIAVENATO, 2003, p. 102. Sem negrito no original).

Na esfera política, começa a tomar força a Social Democracia, duramente criticada por Lênin, como uma deturpação da teoria Marxista na Segunda Internacional Socialista. A partir daqui, a ideia de revolução é relativizada e passa-se a defender a apropriação do Estado por parte dos trabalhadores pela via democrática-eleitoral (Lênin, 2015). A democracia, que inicialmente se desenvolve nos interesses da burguesia, passa a ser veiculada como um mecanismo que atenderia também aos trabalhadores. Podemos inferir aqui, a aproximação dos ideais morais de democracia de Stuart Mill, citados anteriormente.

Para além das consequências da vitória da tese do “socialismo num só país”, consolidada com o stalinismo (REIS FILHO, 1983, p. 101), a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia inicia “uma nova etapa nas lutas emancipatórias, e contribuindo, ainda que indiretamente, à causa da democracia e dos direitos sociais dos trabalhadores” (BUONICORE, 2017, p. 11).

Nesse contexto, a democratização do ambiente de trabalho como apontado pela Teoria de Relações Humanas, é uma alternativa à democratização das relações de trabalho pautadas na exploração. Esta continua a existir, porém de uma forma mais velada. O Estado incorpora outros interesses sociais e deixa de ser, simplesmente, um instrumento de coerção, mas precisa, também, a desenvolver mecanismos de coesão social, dando forma a vários modelos de Estado de Bem-Estar Social (NETTO; BRAZ, 2006, p. 205).

Essa mudança também influenciou a Teoria das Relações Humanas, que apoiada nos estudos da psicologia, vai afirmar que somente a força e o controle rígidos não são suficientes para manter a exploração da força de trabalho, é preciso buscar o consentimento em ser explorado.

É interessante voltarmos a Bobbio para analisarmos o consenso. O autor chama a atenção para o fato de que o consenso não é aceitação passiva, pelo contrário, é preciso ter espaço para manifestação: “[...]”

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

apenas onde o dissenso é livre para se manifestar o consenso é real, e que apenas onde o consenso é real o sistema pode proclamar-se com justeza democrático” (BOBBIO, 1986, p. 62).

Não é preciso muito esforço, para essa ideia chegar à escola. Há inclusive defensores da identidade entre a gestão da escola e da empresa, como uma consequência também da identidade de objetivos que teriam as duas instituições: o lucro. Porém, se a Teoria Científica teve lugar primeiro na empresa, para depois se disseminar pela educação; com a Teoria de Relações Humanas o percurso foi o contrário, pois foi o pragmatismo¹ de John Dewey, reconhecido filósofo da educação, influenciou o desenvolvimento da Teoria de Relações Humanas.

A democracia dentro das elaborações de Dewey tem um caráter central. Há uma preocupação do autor, de fazer com que a democracia presente na esfera política, se efetive nos espaços educativos. Escola para todos seria o primeiro estágio de uma democracia, segundo o autor, mas não o suficiente (DEWEY, 1970, p.236). Essa ideia se aproxima da democracia como uma moral, de Stuart Mill, citada acima.

Em Dewey reaparece a relação democracia e consentimento:

O amor da democracia pela educação é um fato cediço. A explicação superficial é que um governo que se funda no sufrágio popular não pode ser eficiente se aqueles que o elegem e lhe obedecem não forem convenientemente educados. **Uma vez que a sociedade democrática repudia o princípio da autoridade externa, deve dar-lhe como substitutos a aceitação e os interesses voluntários, e unicamente a educação pode criá-los.** Mas há uma explicação mais profunda. Uma democracia é mais que uma forma de governo; é, primordialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada (DEWEY, 1979, p. 93. Sem negrito no original).

Dewey traz a preocupação da democracia como método educativo. Assim como a sociedade democrática necessita das liberdades

¹ Para um estudo do Pragmatismo em Dewey, ver: SILVA, Felipe Carreira. (2006), **Habermas, Rorty e o Pragmatismo Americano**. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 49, n. 1, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000100005&lng=en&nrm=iso Acesso em 18 mai. 2017; SOUZA, Rodrigo Augusto de. (2012), **Os Fundamentos da Pedagogia de John Dewey: uma reflexão sobre a epistemologia pragmatista**. *Revista Contrapontos - Eletrônica*, Vol. 12 - n. 2.mai-ago. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2087/2247> Acesso em 02 fev. 2017.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

individuais, Dewey entende que a educação orientada pela democracia, precisaria impulsionar essas liberdades, criar espaços para a participação, algo que não acontecia à época do autor. Segundo Dewey, a escola era

[...] esquema de imposição de cima para baixo e de fora para dentro. Impõe padrões, matérias de estudo e métodos de adultos sobre os que estão ainda crescendo lentamente para a maturidade [...] o abismo entre o saber amadurecido e acabado do adulto e a experiência e capacidade do jovem é tão amplo, que a própria situação criada impede qualquer participação mais ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado. A eles cabe lidar e aprender, como a missão dos Seiscentos foi a de lutar e morrer. (DEWEY, 1979b, p. 05-06).

Dewey consegue dar materialidade para a tese de Mill apontada anteriormente. Percebemos como ele traz o ideal da democracia desenvolvimentista, de construção de uma sociedade melhor, democrática, subordinada à educação. Esse ideal esteve articulado também ao contexto de construção e permanência do Estado de bem-estar social, ou os “anos dourados” da economia imperialista (1945 a 1970): “Foram quase trinta anos em que os sistema apresentou resultados econômicos nunca vistos, e que não se repetiriam mais: as crises cíclicas não foram suprimidas, mas seus impactos foram diminuídos” pela ação do Estado (NETTO; BRAZ, 2006, p. 195). Esse período consolidava “[...] um novo mundo político, marcado pela negociação entre corporações empresariais e proletárias, intermediadas e institucionalizadas pelo poder público.” (MORAES, 2001, p. 15).

Com o fim dos “anos dourados” a ilusão chega ao fim. A ideia de que os conflitos entre capital e trabalhadores seriam resolvidos à base do consenso, capaz de ser construído mediante os mecanismos da democracia representativa, na verdade, era apoiado no domínio da economia, por uma longa onda de expansão do capital, que, ao final dos anos de 1960, esgotou-se (NETTO; BRAZ, 2006, p. 212-213).

Começa a tomar força, então, o Neoliberalismo, uma corrente de pensamento que orientou um conjunto de reformas político-sociais a partir de 1970. Friedrich von Hayek é considerado o “patrono do movimento” com a obra *O caminho da servidão* (1944), um livro de combate endereçado a toda e qualquer medida política, econômica e social que indique pretensões de fundar uma “terceira via” entre capitalismo e comunismo. Hayek faz severas críticas

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

ao Estado de bem-estar social, considerado por ele como destruidor da liberdade dos cidadãos e da competição criadora, as bases da prosperidade humana. Também condena o sindicalismo por pressionar o Estado a aumentar os gastos sociais (MORAES, 2001, p.12-13).

A democracia conquistada nos períodos anteriores, também passa a ser alvo de críticas e passa a ser redimensionada.

[...] Durante os séculos XIX e XX, os movimentos trabalhistas haviam lutado para conquistar o voto, o direito de organização e, assim, influir sobre a elaboração de políticas, definição de leis e normas. Agora que conquistaram esse voto, o espaço em que ele se exerce é esvaziado em proveito de um espaço maior, mundializado, onde eles não votam nem opinam (MORAES, 2001, p. 20).

Nesse cenário, multiplicam-se adesões à organizações não governamentais, empenhadas na solução privada e setORIZADA de problemas relativos à educação, à políticas de amparo à pobreza absoluta, habitação e saúde. A filantropia e a caridade aparecem como complemento das reformas (MORAES, 2001, p. 22).

O mercado que sempre foi central no capitalismo, mas que havia cedido espaço para a democracia, volta a ser o grande orientador da vida social detrimento da democracia:

Independentemente do peso dos argumentos a favor da democracia, ela não é um valor último, ou absoluto, e deve ser julgada pelo que realizar. Ela constitui provavelmente o melhor método para a consecução de certos fins, mas não é um fim em si mesma. Embora o método democrático de decisão pareça o mais recomendável quando uma ação coletiva é obviamente necessária, a decisão relativa à conveniência ou não de se ampliar o controle coletivo deve ser tomada com base em outros princípios que não os da democracia em si (HAYEK *apud* MORAES, 2001, p.49).

No âmbito das políticas educacionais, uma perspectiva diferente de consenso também é percebida:

[...] os documentos oficiais e os relatórios utilizam a linguagem com a finalidade de mobilizar pessoas em direção ao consenso social, em especial quando esse consenso se acha ameaçado por uma crise econômica e política emergente [...] pretende também mobilizar para a ação, fazendo um certo tipo de apelo que visa justificar a canalização de recursos e poder políticos,

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

escassos, para determinados fins específicos (SHIROMA;
CAMPOS; GARCIA, 2005, p. 437).

Segundo as autoras acima, é comum o uso da linguagem do “bem público” para viabilizar interesses privados, empresariais. A ideia de democracia passa a incorporar também, o sentido de responsabilização individual, pelos problemas, pelas crises, mas principalmente, pela solução.

A educação escolar, que como apontamos anteriormente, ajudaria na construção da nova sociedade democrática, agora inverte-se: é a sociedade democrática vai ser responsável pela construção da escola. O grande exemplo seria a Ong *Amigos da Escola*.

Contraditoriamente, de acordo com Sofia Lerche Vieira (2007) a gestão democrática da educação tem sido um tema cada vez mais recorrente nas pesquisas da área ou “um tema preferencial entre os estudiosos da educação” (Vieira, 2007, p. 58). Os embates pela democracia acabam se fechando dentro do espaço escolar, uma disputa que se materializa nos currículos, na definição sobre o que é fundamental ser ensinado às novas gerações, ocultando os projetos de sociedade em disputa. Talvez as tensões vividas na última década, tenha deixado mais claro essa disputa, ou pelo menos explicitando que o enfrentamento não é somente no interior da escola.

Tentando concluir...

A discussão feita até aqui mostra o quanto distante estamos do funcionamento da democracia em nossa sociedade. Apesar de que somente na última década ficou evidente o esvaziamento da democracia, desde as reformas da década de 1970 que ela vem perdendo espaço. Dentro da lógica do Neoliberalismo, a participação mais importante é nos mecanismos de mercado, não nas decisões político-econômicas. Precisamos compreender o que se oculta no discurso da democracia em certos contextos. A manifestação da participação individualizada, materializada nas ações através das Ongs, não pode ocultar que na sociedade atual, o poder político pelos grandes agentes econômicos vem aumentando a sua centralização e monopólio. Até mesmo a “participação possível”, expressada pela gestão democrática, atualmente vem

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

sendo fortemente questionada no Brasil, como o que aconteceu com o projeto de “Escola sem Partido” e a perseguição do ensino das questões sobre gênero nas escolas. Embora o enfrentamento ocorra fortemente na sociedade civil, a ocupação dos mecanismos do Estado faz-se imprescindível, tal como a disputa pelas políticas educacionais.

Referências:

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**; uma defesa das regras do jogo. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BUONICORE, Augusto César. *Revolução Russa e a Luta pela Emancipação*. In: ORSO, P. J.; MALANCHEN, J.; CASTANHA, A. P. (orgs). **Pedagogia Histórico-Crítica, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa**. Campinas: Armazém do Ipê, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Elvezier, 2003.

CUNHA, Luis Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. **A Universidade Temporã**: o ensino superior da colônia a era vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979a.

_____. **Experiência e Educação**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979b

_____. **Liberalismo, Liberdade e Cultura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

LÊNIN, V. I. **A revolução proletária e o renegado Kautsky**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/renegado/> Acesso em 23 set. 2015.

LEVITISKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MACHADO, Lucília R. de S. **Unificação escolar e hegemonia**. Tese de Doutorado. PUC/SP: Brasil, 1984.

MACPHERSON, Crawford Brough. **A democracia liberal: origens e evolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
MORAES, Reginaldo C. **Neoliberalismo - de onde vem, para onde vai?** São Paulo: Senac, 2001.

NETTO, José P.; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2006.

REIS FILHO, Daniel Araújo. **URSS: o socialismo real (1921-1964).** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Tudo é História).

SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos.** *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 427-446, jul./dez. 2005

VIEIRA, Evaldo. **Democracia e Política Social.** São Paulo: Cortez, 1992.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples.** *RBPAE* – v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007

WARDE, M. J. **Liberalismo e Educação.** São Paulo: PUC, 1984. Tese (Doutorado).

XAVIER, Maria Elizabete S. P. **Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961).** Campinas: Papirus, 1990.